

O INSUPORTÁVEL BRILHO DA ESCOLA: REFLEXÕES DOCENTES

*Joemara Sperancini da Vitória*¹

*Maria da Penha Valani Giuriato*²

*Segina Petri Félix*³

RESUMO

Toda reformulação, modificação ou ainda reestruturação de modelos educativos é passível de crises, tensões e conflitos. Por esse motivo, o presente artigo tem a meta de apresentar as principais teses defendidas por Olga Pombo no texto *O insuportável brilho da escola* e relacioná-la às percepções dos professores coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Espera-se contribuir para reflexões mais sistêmicas em relação à educação como um todo.

Palavras-chave: Olga Pombo; Reflexões docentes; Educação.

ABSTRACT

Any reformulation, modification or restructuring of educational models is susceptible to crises, tensions and conflicts. For this reason, this article aims to present the main theses defended by Olga Pombo in the text *The unbearable brightness of the school* and relate it to the perceptions of teachers collected through semi-structured interviews. It is expected to contribute to more systemic reflections in relation to education as a whole.

Keywords: Olga Pigeon; Teacher reflections; Education.

RESUMEN

Cualquier reformulación, modificación o reestructuración de modelos educativos es susceptible a crisis, tensiones y conflictos. Por esta razón, este artículo pretende presentar las principales tesis defendidas por Olga Pombo en el texto *El brillo insoportable de la escuela* y relacionarlo con las percepciones de los profesores recogidas a través de entrevistas semiestructuradas. Se espera que contribuya a reflexiones más sistémicas en relación con la educación en su conjunto.

Palabras clave: Olga Pombo; Reflexiones del maestro; Educación.

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar as principais teses defendidas por Olga Pombo no texto *O insuportável brilho da escola* e relacioná-la às

¹ Professora; Pedagoga; Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração; Especialização em Planejamento Educacional; Ciências da Educação; Mestre pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

² Professora; Pedagoga; Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração; Especialização em Planejamento Educacional; Ciências da Educação; Gestão Integradora; Mestre pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

³ Professora; Pedagoga; Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração; Especialização em Planejamento Educacional; Alfabetização e Linguística; Educação à Distância; Ciências da Educação; Mestre pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

percepções dos professores. A autora toma a perspectiva de Hannah Arendt, que aponta três razões as quais poderiam explicar a crise da Educação nos EUA. Ela justifica que embora essas razões não tenham sido formuladas em nossa contemporaneidade (foram pensadas nos anos 50), elas têm condições de subsidiar hoje uma profunda compreensão da crise que a escola enfrenta atualmente.

As razões apontadas no texto são três, sobre as quais se passa a refletir a seguir: *A ideia de que “existe um mundo das crianças que estas são seres autônomos e que, na medida do possível se devem deixar governar por si próprias”;* *Há uma “pedagogia ou ciência do ensino geral”, com a independência suficiente para que a atividade de ensino se possa “desligar completamente da matéria a ensinar; e A ideia de inspiração pragmática, segundo a qual “não se pode saber e compreender senão aquilo que se faz por si próprio”.*

Assim, o presente artigo pode ser classificado em uma pesquisa bibliográfica e descritiva que divide-se em *Primeira razão: existe um mundo das crianças que estas são seres autônomos e que, na medida do possível se devem deixar governar por si próprias; Segunda razão: pedagogia ou ciência do ensino geral; Terceira razão: não se pode saber e compreender senão aquilo que se faz por si próprio; Metodologia: Cruzando Perspectiva Entre os Entrevistados e a Autora; Conclusões e Apêndice.*

PRIMEIRA RAZÃO: EXISTE UM MUNDO DAS CRIANÇAS QUE ESTAS SÃO SERES AUTÔNOMOS E QUE, NA MEDIDA DO POSSÍVEL SE DEVEM DEIXAR GOVERNAR POR SI PRÓPRIAS

A concepção de libertação aqui liga-se à filosofia Rousseauiana que considera como ideal libertar a criança o máximo possível da dependência do adulto, para que possa em obediência ao seu próprio ritmo alcançar seu desenvolvimento sem o contágio social do mundo adulto. O que subjaz na base dessa razão é considerar a pulsação natural da criança, o “respeito pela autonomia” preconizado por Rousseau. Baseada na percepção de um equívoco a autora enfatiza que a escola promove o abandono das crianças, e que as mesmas são deslocadas do seio da família, onde é o local legítimo de sua proteção. Uma vez inseridas na escola, as crianças e jovens, deslocados do

mundo familiar submetem-se aos cuidados de estranhos. Esse convívio pode ser perverso, porque põe à disposição das crianças um mundo artificial.

O texto cita que a partir do século XX, na América, a ideia de libertação da criança liga-se a necessidade de promover espaços sociais onde elas pudessem crescer e desenvolver-se melhor a partir da convivência com seus pares, ou seja, longe da autoridade dos adultos, mas na convivência com outras crianças, ou seja, no espaço escolar. Entretanto a autora considera a necessidade de a escola adaptar-se ao mundo das crianças para que não ocorra o contrário, sob pena de promover imposições próprias do mundo adulto, o que acarretaria a corrupção da bondade natural entendida por Rousseau.

Apesar da defesa da escola como espaço promotor da convivência importante para o desenvolvimento da criança, a autora constata a perversidade que há por trás das ditas “boas intenções”, a considerar o abandono a que, muitas vezes, as crianças e jovens estão submetidos quando privado do mundo familiar.

Aponta também como fator importante a ideia de “libertação” da criança associada ao modelo capitalista, o qual obrigou o esvaziamento dos lares, trazendo como consequência a desestruturação do núcleo familiar e a consequente necessidade de alguém que assumisse tais funções, no caso, a escola que assim passa a ser esperança de que nela os sujeitos se formem integralmente, como no dizer de Piaget intelectual e afetivamente.

Na perspectiva da autora, a escola passa então a assumir os mais diferentes papéis e receber as mais diferentes denominações tais como: creche, escola pré-primária, entre outras tantas que no fundo se resume em asilo diurno para crianças pobres. Para atender a essa nova demanda, explica que a escola precisou aparelhar-se de “segurança” necessária para assegurar aos pais a tranquilidade que necessitam não para atender aos interesses das crianças, mas os deles próprios. A escola deixa de ser um local destinado ao estudo, ao ensino e transforma-se num espaço onde os pais depositam seus filhos durante longo tempo do dia, enquanto eles, os pais, vão trabalhar.

Olga Pombo constata o deslocamento e a transferência da função da família e reconhece que tal fenômeno carrega consigo consequências profundas, tendo vista que a família sucumbe sua função verdadeira, a de “educar”. Destaca também que isso pode ser uma pista de mão dupla. Considerando as condições de algumas crianças, a escolaridade precoce pode

ser a alternativa para não as abandonar ao desamparo total e oferecer a elas a oportunidade de contato social que provavelmente estariam condenadas a não conhecer.

Sendo dessa forma, percebe-se, segundo a autora, de um lado a desprivatização da guarda e cuidado a que deveriam estar submetidas as crianças. De outro lado o inchamento da escola que se vê forçada a aceitar como suas responsabilidades educativas incompatíveis ao propósito para a qual foi inventada. Ainda que em alguns casos as famílias tenham condições de escolher a escola que melhor atenda suas expectativas referentes à “educação” de seus filhos, ressalta como consequência que “nossas crianças estão a ser precocemente atiradas para fora das paredes de suas casas, banidas do lugar protegido do mundo a que teriam direito”.

Mesmo que deseje representar o prolongamento familiar, a escola jamais conseguirá garantir às crianças a segurança, proteção e cuidados a que têm direito no seio da família. Olga observa que existem ainda as crianças a quem foi sonogada qualquer espécie de segurança e ainda assim não concorda que a escola seja a solução, isto é, diz que não pode aceitar a lógica do mal menor, acredita que para elas é necessário soluções globais, sociais, econômicas e políticas.

Cita a ação modeladora e confirma também o quanto a escola é, sempre foi e, dificilmente deixará de ser um poderoso “aparelho ideológico do estado, um dispositivo de reprodução social. O texto caracteriza como perversa a inversão de papéis e a tentativa de atribuir à escola tantas e tamanhas responsabilidades, desvirtuando-a de sua legítima função: ensinar. Afirma que esse fenômeno ocorre por razões relacionadas aos interesses dos adultos e traz como consequência o fracasso do ensino. Prossegue destacando e diferenciando dois conceitos fundamentais. **Educação** (moral), que diz respeito à disciplinarização das vontades dos desejos, e essa função cabe à família, e o **ensino** (intelectual) que diz respeito à inscrição das normas gerais no patrimônio comum dos saberes que fomos inventando, função que deve ser preenchida pela escola.

SEGUNDA RAZÃO: PEDAGOGIA OU CIÊNCIA DO ENSINO GERAL

Apontada por Hannah Arendt e discutida por Olga, no referido texto, para justificar a crise da educação nos EUA, está ligada a ideia de que: *Há uma “pedagogia ou ciência do ensino geral”, com a independência suficiente para que a atividade de ensino se possa “desligar completamente da matéria a ensinar”.*

Sobre essa razão, que conforme a autora constituiu outro equívoco, são discutidos dois pressupostos para a formação do professor: o saber científico e o saber didático, ambos os saberes indissociáveis e necessários àqueles cuja tarefa consiste em ensinar para assegurar níveis mínimos de cultura científica aos estudantes.

Nessa sessão, enfatiza-se que a revolução que encheu as escolas de alunos, também desencadeou a “produção de professores em série”. Esse impacto resultou muitas das vezes na formação inadequada dos professores para lidar com uma série de teorias e práticas inerentes ao ato de ensinar.

TERCEIRA RAZÃO: NÃO SE PODE SABER E COMPREENDER SENÃO AQUILO QUE SE FAZ POR SI PRÓPRIO

Sequencialmente ela aponta a terceira razão: *A idéia de inspiração pragmática, segundo a qual “não se pode saber e compreender senão aquilo que se faz por si próprio”.*

Segundo essa perspectiva caberia ao professor ensinar menos, e ao aluno aprender mais, por si próprio. Para discutir esse argumento ela baseia-se na tese clássica de *learning by doing* formulada por Dewey, que defende a ideia de que o professor precisa mais de saber ensinar que de saber aquilo que se propõem a ensinar.

Nisso, a autora percebe uma confusão lamentável de interpretações. Em primeiro lugar considera que há habilidades que exigem sim o auto-esforço para que o aluno aprenda mais por si próprio. O aprendizado da natação, por exemplo. Todavia se se quiser apreender conhecimentos mais abstratos e que levaram décadas para serem alcançadas e que penosamente se estabeleceram ao longo do tempo, não se pode aceitar a recusa de uma forma mais rápida de se chegar aos resultados, quer dizer, *“de vencer pelo ensino o imenso espaço de esforço e obscuridade que nos separa das engenhosas invenções das*

portentosas obras de nossos antepassados". E é nisto que consiste o papel do professor.

Além disso a autora cita a existência de dois discursos educativos de concepções contrárias, um centralizador e outro descentralizador. O primeiro concebe a instituição escolar como propriedade do estado, que direciona para reformas planejadas e orientadas por organismos centrais. A segunda, mais liberal, que descentraliza as decisões e que prioriza as escolas em detrimento do sistema. Esse discurso é considerado inovador e triunfante, embora nunca vitorioso. Em ambos os casos subjaz um forte desejo de reforma.

Por fim Olga Pombo ratifica a tese, para a qual constitui argumentos ao longo do texto, segundo a qual defende que o brilho da escola "vem lhe do fato de que só o saber é emancipador", e se assim não for, ele é um luxo a que todos têm direito. Na perspectiva da autora, a escola existe para fazer aquilo que nenhuma outra instituição pode fazer, transmitir conhecimentos sistematizados que preparem tanto para ciências como para as humanidades, enfim que forneça uma *"cartografia de navegações no turbulento oceano do saber"*. Conceber a escola como uma instituição essencialmente educativa significa negligenciar seu papel fundamental e aceitar com resignação a perda do seu esplendor.

Uma vez realizada a leitura e análise do texto, foram elaboradas três questões relativas a ele e realizadas três entrevistas. Em seguida foi apresentada a análise descritiva das entrevistas, bem como a análise do conteúdo das mesmas, seguidas do confronto entre as opiniões dos entrevistados com o da autora. Encerramos apresentando a nossa perspectiva sobre o assunto.

METODOLOGIA: CRUZANDO PERSPECTIVA ENTRE OS ENTREVISTADOS E A AUTORA

Esta pesquisa caracteriza-se por uma revisão bibliográfica e descritiva que buscou reunir as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta a partir da temática em questão, envolvendo as percepções de Olga Pombo sobre a educação.

A coleta de dados bibliográficos foi realizada na plataforma Google Acadêmico, ferramenta do Google que possibilita a localização de artigos, teses,

dissertações e outras publicações úteis para pesquisadores, no período de janeiro a dezembro de 2020 em trabalhos somente em português com as palavras-chave “Olga Pombo”; “Reflexões docentes”, “Educação” e em obras de referência relacionadas à temática em questão: o insuportável brilho da escola: reflexões docentes.

Ainda, foram utilizados como fontes de consultas, livros, artigos, teses, dissertações e como fonte principal, utilizou-se a base de periódicos da CAPES, além das bases do Scielo e Lilacs. Também foram revisados estudos de tese e livros disponíveis na internet e na biblioteca de universidades federais.

Assim, a pesquisa bibliográfica é fundamentada nos conhecimentos de biblioteconomia, documentação e bibliografia; sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa (CARVALHO; CARNEIRO; MARTINS; SARTORATO, 2004).

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Além disso a pesquisa bibliográfica é indispensável para a realização de estudos históricos (CARVALHO; CARNEIRO; MARTINS; SARTORATO, 2004).

O enfoque descritivo, segundo Silva e Menezes (2000, p. 21), visa “descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento”.

Segundo Vergara (2000, p. 47), a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. A autora coloca também que a pesquisa não tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação.

Entre os entrevistados foi possível observar alguns pontos de aproximação, mas também algumas divergências relacionadas à **questão 1** a saber: *na sua opinião, qual é o papel que a escola deve assumir frente a ausência da família?* O entrevistado A percebe a dificuldade de a escola

trabalhar dissociada da família, mas deixa transparecer em seu discurso que cabe também à escola promover a aproximação entre ambas. Por outro lado, o entrevistado B deixa implícito em sua fala que quando a escola tenta assumir um papel que não é seu, reproduz um modelo social ideologicamente estabelecido que em nada tem contribuindo para a construção de uma sociedade melhor. Aponta para a necessidade de se romper com certos padrões em vez de subsidiar comportamentos socialmente estabelecidos; por sua vez, a entrevistada C afirma que a escola em nenhuma hipótese dará conta de preencher as ausências da família, ao mesmo tempo contata o papel que a escola deve assumir e que deve ter como legítimo, o de promover o desenvolvimento intelectual, social e cultural nas crianças e jovens.

Após análise do discurso dos entrevistados, foi possível identificar alguns aspectos curiosos: primeiro o ponto de vista que mais se aproxima da tese defendida por Olga Pombo é o entrevistado B. Declarado professor. Ele aponta para o reconhecimento de alguém que enxerga bem de perto a situação em que a escola se encontra, e por isso afirma que essa tem sofrido todos os tipos de pressão. Além do mais, o professor parece refletir num discurso angustiado e até mesmo surpreendente quando afirma “A escola deve assumir um papel de vanguarda, apontando caminhos para um modelo social humanamente sustentável, ao invés de subsidiar o atual comportamento que sabemos ser reflexo de um capitalismo insustentável”. Assim como a autora ele entende que o papel legítimo da escola é o de ensinar.

Na questão 2, *Que papel o professor deve desempenhar no contexto escolar?* No meio termo encontra-se a entrevistado “C” em cujo discurso percebemos ora a tendência em acreditar que o papel que o professor deve desempenhar no contexto escolar é também o de educar, ora transparece a crença na fragilidade da escola em assumir o papel de educar. De acordo com seu olhar, o professor deve criar condições para que o aluno se torne um sujeito autônomo. A entrevistada pensa que a escola pode e deve dar conta tanto de educar quanto de ensinar. O que mais se nota em seu ponto de vista é a preocupação com a formação do sujeito autônomo. Nesse sentido percebe-se que ela não assume uma postura crítica muito consistente conduzido ao entendimento de que não tem muito clara a percepção das diferenças entre educação e ensino. Da mesma forma parece afirmar que a escola necessita para

desempenhar seu papel, que as bases familiares já estejam construídas. Sendo assim, notam –se algumas incoerências e deslocamentos em seu discurso, o que nos permite afirmar que há pontos de aproximação com o da autora, mas há também alguns aspectos que se afastam do ponto de vista defendido no artigo

Quanto ao entrevistado A, este parece entender a escola e o professor de maneira bastante idealizadora e até romântica, quando parece depositar toda esperança neles. Atribui a eles a responsabilidade de não só de levar a família até ela, mas também de promover a socialização entre ambas. O caráter idealizador desse discurso consiste em acreditar estar na escola a solução redentora de todos os problemas. Nesse aspecto seu ponto de vista se afasta do da autora do artigo tendo vista ser o mais questionado no artigo dela.

O entrevistado A demonstra acreditar que investindo em sua formação e valorizando o potencial dos alunos, o professor estará assumindo seu verdadeiro papel. Enquanto isso o entrevistado B mostra-se convicto ao afirmar que ao professor cabe a tarefa de ensinar; inclusive deixa claro que a profissão de professor não se diferencia das demais e este deve assumir a profissão para a qual ele for formado; lembra que o envolvimento afetivo pode, inclusive descaracterizar o próprio ofício de ensinar. Tanto os entrevistados A e C distanciam da tese defendida pela autora, em cuja âmago está a função principal de ensinar atribuído à escola. Já o entrevistado B parece concordar plenamente com a ela.

Relativamente à **questão três**: *Quanto à profissão do professor: Que habilidade você considera mais importante, conhecimento científico ou conhecimento didático?* tanto o entrevistado A quanto B dão prioridade ao domínio das metodologias, mas o entrevistado B salienta que o diferencial da profissão de professor está exatamente nisso. Todavia a entrevistada C entende que as duas habilidades se completam e não as dissocia nem prioriza uma em detrimento da outra.

CONCLUSÕES

Assim como Olga Pombo, preocupada com os problemas da escola e com todas as questões que a envolvem, na multiplicidade de relações, umas que dizem respeito a sua própria natureza e outras que estão para além do trabalho

pedagógico, nos identificamos com seu parecer considerando-o como uma pintura realista do quadro atual, pintado a partir da exata realidade que enfrentamos no cotidiano das escolas. Entendemo-lo como pintura realista porque essa não vem coberta de idealizações românticas, nem mesmo de soluções mágicas. Os argumentos apontados no artigo parecem falar por si sós. Pretendemos apenas ratificar algumas posições relacionando-as, sempre que possível, ao ponto de vista da autora a nível de aproximação.

O papel da educação deve ser exercido pelos pais, na formação de valores dos filhos. Já por ensinar, entendo como sendo a aquisição de informações que venham ou não se transformar em conhecimento, lapidando, ampliando as habilidades cognitivas e formando uma “bagagem, para posteriormente formar profissionais, tarefa da escola, que pode ser estendida, dentro de alguns limites assim como para a família. Então visando à formação de um profissional, por exemplo, a qualidade técnica do profissional está ligada às bases do ensino escolar e sua responsabilidade e ética estão ligadas à educação, formação de valores e de seu caráter.

A escola, ainda que disponibilizasse de uma estrutura considerada “suficiente” (com recursos físicos e recursos humanos), não daria conta da formação integral das crianças e jovens nela inseridos. Sou cética nesse sentido, pois estamos falando de uma estrutura arquetípica que não se altera com roupas e calçados novos, trata-se de um edifício psicossocial, e não um de um curso de verão.

Podemos aproveitar e falar de papéis institucionais, já que, o que está subjacente a esta questão é a perda de sentido e de autoridade das instituições, seja a família, a escola, o Estado, seus poderes e sua legitimidade. O que é o papel de quem?

Cometemos às vezes o equívoco de pensar a crise da educação como se o problema fosse da educação. Estamos presenciando uma crise econômico-social global, capitaneada pela falência do modelo de produção capitalista. E ainda somos levados e nos permitimos acreditar que o problema está na educação. O problema da educação é a “ingestão” do modelo no qual a escola está inserida. No qual nem o modelo se define, nem tampouco dá autonomia à escola para apontar caminhos.

Aqui, a meu ver, temos dois aspectos a considerar: primeiro o ideológico. O mercado necessita de mão de obra, e a mulher tem prestado bem a esse propósito, pois a mesma, no afã de conquistar espaço não logrou a se opor ao grau de exploração a que foi exposta. Enquanto os homens já adquiriram resistência e defesas institucionais quanto a isso.

Segundo, mais uma vez recorro à história. As gerações anteriores a nossa foram responsáveis por uma revolução na confrontação de valores considerados castradores. Assistimos a uma revolução sexual, uma revolução feminista, a uma revolução liberal que tornou proibido proibir. A geração contestadora rejeitou os antigos valores, mas, esqueceu ou não percebeu que a necessidade era de substituí-los e não simplesmente destruí-los. As gerações seguintes ficaram sem referências sobre o que transmitir a seus filhos. Agora, o que assistimos são pais aturdidos quando por algum motivo precisam passar mais que um fim de semana com seus filhos, simplesmente não sabem o que fazer.

A escola não pode sozinha preparar os educandos para a vida. Esta é uma tarefa maior que deve ser compartilhada com a família. Mesmo com todos os recursos de que pode dispor, ficaria uma lacuna na formação dos alunos que seria os valores familiares que lhes servem como referência na construção de sua identidade. Considerando o arquétipo social da família, estamos vivenciando uma quebra nos padrões, a qual vem acompanhada de consequências, principalmente de cunho psicológico para os jovens que transparece na forma de desajuste social refletido nos comportamentos deles

O tradicional papel – segundo Freud – materno da formação afetiva, e paterno de auxiliar na formação do superego, responsável pela aquisição de limites e iniciação à vida com as frustrações impostas pela convivência social, vem perdendo cada vez mais suas referências. Pelo menos por enquanto a escola não está apta a exercer essas funções na vida das crianças, ficando assim uma lacuna, propiciando o aparecimento de uma geração carente afetivamente, sem referência de limites e principalmente arrogantes, por não saberem lidar com as negativas que nos são impostas no convívio social. É claro que tudo isso vai respingar na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael; MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo. **Pesquisa Bibliográfica**. Goiânia, 16 jun. 2004. Disponível em: <http://pesquisabibliografica.blogspot.com.br>. Acesso em 24 de novembro de 2020.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

POMBO, Olga. O Insuportável Brilho da Escola. In: Alain Renaut et alii, **Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 31-59.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ANEXOS

Questão 1. Na sua opinião, qual é o papel que a escola deve assumir frente a ausência da família na educação dos filhos?					
Entrevistados	Unidade de registro	Unidade de Significação	Categoria	Subcategoria	Comentário da Pesquisadora
Entrevistado A /Engenheiro Agrônomo/ Masculino/ 29 anos.	Apesar das dificuldades em se formar valores em uma criança que não possui esta "sementinha" plantada no coração, a escola pode sempre que possível promover eventos que tentem reatar os laços entre pais e filhos, com entretenimento em datas comemorativas, torneios de jogos entre pais e filhos, dentre outras. Sempre que necessário deve tentar chamar os pais para retomarem esta responsabilidade que cabe à família.	Sempre que necessário deve tentar chamar os pais para retomarem esta responsabilidade e que cabe à família.	Papel da escola frente a ausência da família	Chamar os pais para a responsabilização de que cabe à família.	O entrevistado relata que vê dificuldade da escolar trabalhar valores com crianças e jovens que não tenham base familiar. Apresenta possibilidades de trabalho que promovam aproximação de pais, filhos e escola.

<p>Entrevistado B /Professor/ Masculino/ 42 anos.</p>	<p>Historicamente a escola tem exercido a função de aparelho ideológico para dar suporte aos modelos sociais. Na minha opinião, o momento deve ser de ruptura com esse padrão. A escola deve assumir um papel de vanguarda, apontando caminhos para um modelo social humanamente sustentável, ao invés de subsidiar o atual comportamento que sabemos ser reflexo de um capitalismo insustentável, que além da destruição ambiental, vem também degenerando o ser humano, já que para fomentar a competição entre os indivíduos, precisa antes torna-los egoístas, individualistas e consumistas.</p>	<p>A escola deve assumir um papel de vanguarda, apontando caminhos para um modelo social humanamente sustentável, ao invés de subsidiar o atual comportamento que sabemos ser reflexo de um capitalismo insustentável.</p>	<p>Papel da escola frente a ausência da família</p>	<p>A escola deve assumir um papel apontando caminhos para um modelo social humanamente sustentável</p>	<p>O entrevistado alega que a escola reproduz os modelos sociais vigentes, nesse caso existe uma ideologia por trás de sua ação. Aponta para uma ruptura com esse padrão a fim de que se construa uma sociedade melhor, isto é, mais humana, menos consumista e individualista.</p>
<p>Entrevistado C /Agente de Arrecadação/Feminino/ 53 anos.</p>	<p>A escola deve assumir o papel que lhe cabe, de selecionar as informações visando promover o conhecimento, favorecer a socialização e os relacionamentos, porém, ela jamais substituirá a família.</p>	<p>Promover o conhecimento e favorecer a socialização e os relacionamentos . Jamais a escola substituirá a família.</p>	<p>Papel da escola frente a ausência da família</p>	<p>Promover o conhecimento e favorecer a socialização e os relacionamentos</p>	<p>A entrevistada considera a família insubstituível. Quanto a escola afirma que esta deve ser promotora do desenvolvimento intelectual, social e cultural.</p>

Questão 2. Que papel o professor deve desempenhar no contexto escolar?

Entrevistados	Unidade de registro	Unidade de Significação	Categoria	Subcategoria	Comentário da Pesquisadora
<p>Entrevistado A /Engenheiro Agrônomo/ Masculino/29 anos.</p>	<p>O professor deve sempre que possível, buscar aprimorar e atualizar seus conhecimentos e sempre que possível, suas técnicas para aproveitar o máximo de cada aluno, valorizando as qualidades e potencialidade</p>	<p>Aprimorar e atualizar seus conhecimentos, suas técnicas e buscar valorizar as qualidades e potencialidades de cada aluno.</p>	<p>Papel do professor no contexto escolar.</p>	<p>Aprimorar técnicas e conhecimentos, valorizar as qualidades e potencialidades de cada aluno.</p>	<p>O entrevistado reflete sobre a importância de o professor possuir conhecimentos teóricos, de sempre buscar formação em sua área de atuação, bem como ter domínio das metodologias que conduzam ao aprendizado. Acredita nas potencialidades dos alunos e que cabe ao professor instigá-los para novas descobertas.</p>

	<p>s deles, mas não deve esquecer-se de forçar cada vez mais para descobrir novas qualidades de seus alunos.</p>				
<p>Entrevistado B /Professor/ Masculino/ 42 anos.</p>	<p>A função legítima do professor é ensinar. É para isso que ele foi formado, professor é um exercício profissional. É por meio do exercício dessa função que o mesmo angaria recursos para sua subsistência e afirmação social. Entretanto a função profissional do professor necessita que o primeiro momento (educação) aconteça na família. Afinal, qual outra profissão se exige envolvimento afetivo do profissional? Nem mesmo na prostituição se permitem envolvimento afetivo, sob a pena de descaracterizar o ofício.</p>	<p>A função legítima do professor é ensinar. Entretanto a função profissional do professor necessita que o primeiro momento (educação) aconteça na família.</p>	<p>Papel do professor no contexto escolar.</p>	<p>A função legítima do professor é ensinar.</p>	<p>O entrevistado se coloca sob a perspectiva de que o professor tem que se assumir como um profissional como outros quaisquer. Afirma que o envolvimento afetivo não é pré suposto para o exercício da profissão, alega inclusive que isso descaracteriza seu ofício de ensinar. Entende como necessário que a família crie bases educativas para que a aprendizagem se efetive.</p>

<p>Entrevistado C /Agente de Arrecadação/Feminino/ 53 anos.</p>	<p>Além de ser EDUCADOR ele deve desafiar os conceitos que os alunos já aprenderam para a partir daí criar novos conceitos e reconstruir o conhecimento, propiciando oportunidade para que o educando aprenda a ser, fazer e aprender a aprender de maneira a ser mais autônomo no seu processo de aprendizagem</p>	<p>Além de ser EDUCADOR , o professor deve propiciar oportunidades para que o educando aprenda a ser, fazer e aprender de maneira a ser mais autônomo.</p>	<p>Papel do professor no contexto escolar.</p>	<p>Propiciar oportunidades para que o educando aprenda a ser, fazer e aprender.</p>	<p>A entrevistada considera que o professor deve ensinar e também educar. Subjaz em seu discurso que o professor esteja plenamente preparado para desenvolver no educando habilidades que o tornem um sujeito autônomo.</p>
---	---	--	--	---	---

Questão 3. Quanto à profissão do professor: Que habilidade você considera mais importante, conhecimento científico ou conhecimento didático?

Entrevistados	Unidade de registro	Unidade de Significação	Categoria	Subcategoria	Comentário da Pesquisadora
<p>Entrevistado A /Engenheiro Agrônomo/ Masculino/ 29 anos.</p>	<p>Ter o conhecimento de sua disciplina é muito importante para que seja possível esclarecer as dúvidas dos alunos, porém, se o professor não souber transmitir este conhecimento, mesmo sabendo os pormenores dentro de sua disciplina os alunos nem suscitarão dúvidas pertinentes ao conteúdo ministrado, só gera dúvida o aluno que tem certo entendimento da disciplina, caso contrário, não tem questionamento muito menos aprendido. Assim, o primordial é saber ministrar o conteúdo, mas tem que ter uma base de conhecimento para ser transmitida. Um profissional de uma</p>	<p>Ter o conhecimento de sua disciplina é importante porém, se o professor não souber transmitir este conhecimento, os alunos nem suscitarão dúvidas. O primordial é saber ministrar o conteúdo, mas tem que ter uma base de conhecimento para ser transmitida.</p>	<p>Que habilidade você considera mais importante, conhecimento científico ou conhecimento didático?</p>	<p>O primordial é saber ministrar o conteúdo, mas tem que ter uma base de conhecimento para ser transmitida.</p>	<p>O entrevistado considera mais importante o domínio das metodologias do que do conteúdo propriamente dito. Salienta que não basta o conhecimento por si só mas o uso de ferramentas necessárias para o alcance da aprendizagem.</p>

	<p>área que não seja a educação pode até usar ensinar determinado conteúdo, no entanto isso não garante que a aprendizagem ocorra.</p>				
<p>Entrevistado B /Professor/ Masculino/ 42 anos.</p>	<p>Sobre o conhecimento, o senso comum diz que não ocupa espaço. Quanto a conhecer os meios que propiciem a aprendizagem, não há dúvidas de que esse é o diferencial do professor, é o que o habilita a liderar uma turma de “pretendentes” ao conhecimento que ele professa conhecer o caminho para alcançar.</p>	<p>Conhecimento não ocupa espaço. Quanto a conhecer os meios que propiciem a aprendizagem, não há dúvidas de que esse é o diferencial do professor.</p>	<p>Que habilidade você considera mais importante, conhecimento científico ou conhecimento didático?</p>	<p>Conhecer os meios que propiciem a aprendizagem, é o diferencial do professor.</p>	<p>O entrevistado considera que para ser professor é necessário o domínio das técnicas que conduzem ao aprendizado. É importante saber qual caminho a ser percorrido para o alcance da aprendizagem. Isso distingue a profissão de professor das demais.</p>
<p>Entrevistado C /Agente de Arrecadação/Feminino/ 52 anos.</p>	<p>A profissão de professor é uma das mais nobres. Ele lida com o material mais precioso da sociedade, o ser humano. Por isto, é preciso sim que o professor tenha conhecimento profundo sobre o que ensina, entretanto, se não utilizar os meios adequados não conseguirá ajudar os alunos a adquirir o conhecimento que se propõe a ensinar e que poderão transformar suas vidas.</p>	<p>É preciso que o professor tenha conhecimento profundo sobre o que ensina, entretanto, se não utilizar os meios adequados não conseguirá ajudar os alunos a adquirir o conhecimento que se propõe a ensinar.</p>	<p>Que habilidade você considera mais importante, conhecimento científico ou conhecimento didático?</p>	<p>É preciso que o professor tenha conhecimento e utilize os meios adequados para ajudar os alunos a adquiri-lo.</p>	<p>A entrevistada não prioriza nem uma coisa nem outra, mas entende que ambas as competências estão intimamente ligadas, são indissociáveis.</p>